

## EDITORIAL

A seção temática do presente número de *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião* é dedicada à interação entre religião e literatura. Os estudos sobre religião e literatura mostram hoje uma profusão considerável, tanto no Brasil quanto no exterior. Entretanto, não se pode reduzir esta variedade de estudos a um modelo único, buscando uma normatização ou uma padronização. O que se pode fazer é classificar as abordagens em função de suas afinidades, sejam elas metodológicas, sejam naquilo que se referem ao conteúdo abordado. Também neste número de *Numen* há uma exemplificação desta variedade que convida o leitor a outras leituras, que mostrarão ainda muitas outras possibilidades de abordagem. A finalidade de um periódico acadêmico, afinal de contas, não é só publicar textos em função de sua importância particular, mas também apresentar a configuração presente de uma área de estudos.

Apesar de uma diversidade intrínseca, os artigos aqui publicados tratam sempre, em alguma medida, de questões teóricas relacionadas com a interação entre religião e literatura. Privilegiadas, nesse sentido, são reflexões relacionando a interação entre religião e literatura com a filosofia, a teologia e com a teoria literária. Alguns artigos enfatizam mais a reflexão a partir da análise de textos literários tomados em si mesmos, outros a partir da natureza do texto literário em geral. A ordem dos artigos abaixo inicia com as análises que partem de textos literários específicos, concluindo com artigos que priorizam a teoria literária e a história da relação entre religião e literatura.

*O budismo literário de Jorge Luis Borges* é um artigo escrito em conjunto por Antonio Carlos de Melo Magalhães e por Paullina Lígia Silva Carvalho. Nele se privilegia a análise do conto *As ruínas circulares* de Borges. A literatura deste autor é apresentada como manifestação de um tipo “onírico”, questionador da perspectiva cartesiana de apreensão da realidade. Daí a possibilidade de aproximação com a perspectiva budista, através de expressões como “ceticismo metafísico” e “refutação da realidade”. Aos autores interessa não tanto o budismo como sistema, mas a apropriação estético-filosófica que Borges dele faz. A superação da personalidade é

apontada como característica. A vida é efêmera e é necessário libertar-se de suas ilusões. No conto referido, o sonho de um monge dá vida a um homem, que aquele, por sua vez, quer poupar da consciência de ser meramente sonhado. Entretanto, ele acaba por descobrir que também é apenas uma aparência, sonho de um outro. Isso remete à noção budista de que tudo é aparência. Simultaneamente, o fogo que consome o templo e o monge são uma expressão da intensidade da vida preconizada pelo budismo – mesmo a aniquilação do Nirvana não faz cessar a força vital que transcende o nível da ilusão presente. Trata-se de uma análise que parte de um conto, mas que mostra simultaneamente a contribuição que a discussão sobre religião e literatura pode significar para a própria percepção da realidade.

*O oráculo machadiano*, de autoria de Teresinha V. Zimbrão da Silva, tematiza *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, particularmente uma passagem inicial desta obra. Discute a questão da intertextualidade, mas reforça a importância do contexto social para Machado, exemplificada aqui na manifestação da religião. No caso, o próprio Machado aponta para esta dupla importância, ao comparar a consulta oracular presente em *Ésquilo* com a prática popular brasileira que lhe é contemporânea. Tal prática é relegada à marginalidade num contexto marcado, por um lado, pelo positivismo, e, por outro, pelo catolicismo. Simultaneamente, a autora nota aqui um contraponto à moda literária parnasiana que também é contemporânea a Machado, escola estética esta que se demonstra uma exaltadora dos clássicos. O artigo mostra assim que, apesar do distanciamento pessoal de Machado, a religião é um elemento presente em sua obra e que merece ser tematizado.

*A toca de Kafka: Literatura para além de método religioso*, de Eduardo Gross, analisa o conto *A toca [Das Bau]*, de Kafka, em vista de uma discussão mais ampla relativa ao limite intrínseco à tentativa de estabelecer uma metodologia para a tematização da relação entre religião e literatura. A proposta é de que, sem descartar a possibilidade e o proveito de se utilizar expedientes metodológicos para a interpretação, uma postura hermenêutica deve presidir a escuta de textos literários. Para exemplificar esta discussão, toma-se como referência a proposta metodológica de Karl-Josef Kuschel,

e, assim, o texto de Kafka é discutido a partir da comparação de metodologias variadas empregadas por diferentes intérpretes.

*Cristianismo e masculinidade em Blues for Mister Charlie, de James Baldwin e Joe Turner's come and gone, de August Wilson*, escrito por Delzi Alves Laranjeira tematiza as duas peças de teatro citadas no título do próprio artigo. Premissa básica é que religião modela perspectivas e comportamentos. A partir daí, são analisadas estas duas peças de teatro tomadas da produção dramática afro-americana. O artigo mostra como a identidade masculina afro-americana foi forjada a partir da religião cristã, considerada como excludente de padrões de masculinidade alternativos hoje em voga e enfraquecedora de posturas de confronto. Diante dos conflitos vividos por homens afro-americanos no contexto da discriminação racial, surge a necessidade de uma ressignificação da espiritualidade a partir da dinâmica existencial concreta, o que cada uma destas peças resolve de um modo próprio.

*Taduzindo o sagrado: Literatura e etnografia em Carlos Castaneda*, texto proposto por Marcel de Lima Santos, tematiza os relatos do antropólogo norte-americano Carlos Castaneda referentes a seus diálogos e a suas experiências com Yaqui Don Juan. Estes relatos são entendidos como um misto de literatura e etnografia. Trata-se de uma tentativa de expressar o inominável e de uma demonstração da linguagem sendo utilizada para expressar o que não pode ser contido nas palavras. O artigo aborda a controvérsia quanto à classificação científico-literária destes relatos a partir de vários comentadores. Apesar de ter sido considerado por alguns um autor menor em função da mistura entre ficção e etnografia, a partir de Deleuze, o autor justamente ressalta a contribuição de uma escrita que passo a passo destrói os próprios paradigmas de sua interpretação. Numa linha semelhante, Castaneda é visto como visionário por Sukenick, e a visão transcende a divisão entre fato e ficção; com isso, sua obra seria comparável ao *Dom Quixote*, revelando a importância de se superar a visão rasa da nossa cultura moderna explicadora e abrindo espaço para os recantos fantásticos que perfazem a existência. Como contraponto, o autor refere Murray, que vê a obra como ficção na linha de um romantismo ocultista, amoral e a-social que

marca presença na história literária norte-americana. Voltando às abordagens mais positivas sobre Castaneda, o artigo apresenta a crítica de Octavio Paz, que aponta para a obra como corrosiva da classificação entre literatura e antropologia, já que nos dois casos ela questiona a categoria classificatória. Aqui, a alteridade aparece como tema central na análise, estando tal categoria em contraposição à cultura ocidental moderna. A partir destes vários comentadores, o autor conclui que em tais relatos trata-se de “etnografia fictícia experimental”, que simultaneamente corrói seu aspecto realista e seu aspecto mágico, sendo esta a forma literária escolhida por Castaneda para expressar o sagrado.

*O fracasso do bem: Os paradoxos da religiosidade de Dostoiévski em O idiota*, de Eduardo Armaroli Noguchi, oferece uma análise filosófica do romance citado no título do artigo, centrada no personagem Príncipe Mychkin. Mychkin aparece como representação do bem ideal (que tem a Cristo como paradigma), mas simultaneamente se configura como o fracasso deste bem. Tal fracasso apontaria para um novo tipo de religiosidade, que recuperaria o sentido positivo do fracasso. A análise é feita em busca da concepção de Dostoiévski sobre o bem e o mal, em que a luta entre um ideal impossível e um niilismo transparente perpassa a vida humana – luta que seria também a constante na reflexão dostoiévskiana. Simultaneamente, ambas as situações são descritas como impossibilitadoras da própria vida humana, quando levadas a termo. O ideal não é prático, é de fato algo impossível no cotidiano. E o niilismo destrói a convivência humana, implicando a desumanização da personalidade. O niilismo é abordado tanto enquanto expressão da esfera prática da vida (busca por bens, poder, louvor) quanto em sua manifestação metafísica (no romance, expressa pelo personagem Hippolit). O bem, o ideal cristão, por sua vez, vence justamente no seu fracasso – ao não racionalizar o sofrimento e o nada, mas ao aceitá-los na prática do amor.

*O inefável que se mostra: Apontamentos sobre algumas ideias de Wittgenstein à luz da linguagem em Ibn Sina e Ibn Gabirol*, de autoria de Cecília Cintra Cavaleiro de Macedo, é outro texto que privilegia a discussão filosófica. Neste caso, não se trata mais da análise de alguma obra literária particular, mas de uma discussão sobre a peculiaridade

da linguagem que tematiza o inefável, para o que, neste caso, se compara a concepção de Wittgenstein expressa no *Tractatus Logicus Philosophicus* sobre os limites da linguagem filosófica – excludente da metafísica, da ética, da estética e da religião – em relação às obras de Ibn Sina e de Ibn Gabirol. A pretensão é descobrir se também no pensamento destes autores há possibilidade de se estabelecer limites para a linguagem do pensamento. A hipótese é de que a linguagem imagética possibilita uma aproximação ao inefável. Assim, também eles traçariam um limite entre dois discursos a partir de uma diferenciação na linguagem, tal como Wittgenstein. Ibn Sina elaborou escritos filosóficos que a autora mostra serem considerados por ele mesmo mais redigidos em função da convencionalidade do que da convicção pessoal, aos quais se encontram contrapostos escritos visionários. Ibn Gabirol, por sua vez, produziu uma literatura filosófica que foi rejeitada pela comunidade judaica e assumida no âmbito cristão, ao mesmo tempo em que é autor de poesia hebraica celebrada na primeira e desconhecida no segundo. Para a autora, o paradigma de Wittgenstein ajuda a perceber nesses autores a delimitação interna que eles realizaram entre a linguagem filosófica e a que expressa o inefável. A partir daí, não se deveria procurar nos escritos visionários e poéticos figuras para a linguagem filosófica, como fizeram certos comentadores, pois deste modo se perderia o próprio que a linguagem imagética possibilita – o tratamento da experiência do que Wittgenstein chama de místico – e que não é possível ser expresso na linguagem proposicional.

*Gramáticas da criação: Reflexões sobre um paradigma de crítica literária-teológica-religiosa*, elaborado por Adna Cândido de Paulo, discute os ideais de George Steiner relativos à atribuição de valor de objeto religioso a obra literária e de objeto literário a obra religiosa, o que este crítico exemplifica em Jó e Dante. Para isso, trata da aproximação possível entre os dois campos de estudo e da necessidade de manutenção de suas especificidades. A noção de “criação”, considerada na dimensão da temporalidade humana, é entendida como algo comum à teologia, à literatura e à filosofia, fornecendo assim o material para esta discussão. Esta é feita, por sua vez, tendo em contrapartida a noção de “invenção”. Criação e invenção são

correlacionadas com a tradicional discussão sobre a relação entre conteúdo e forma. Além da pertinência de Steiner para o estudo da relação entre religião e literatura em particular, na análise do artigo, sua obra é considerada uma contribuição para a discussão sobre inter e transdisciplinariedade, de modo que estudos sobre religião e literatura acabam por ser uma exemplificação particular de um procedimento mais amplo.

*Entre mística e metafísica: Periodismo espiritualista no Brasil, 1921-1945*, subscrito por Leonardo D'Avila de Oliveira, é um artigo que apresenta as relações que os autores que publicavam nos periódicos de *A ordem* e *Festa* mantiveram com tendências místicas ou católicas. Estas relações variaram entre uma ênfase nos aspectos estéticos e nos aspectos espirituais de elementos como mitos, ritos, imagens e costumes. Autores católicos criaram obras curiosas ao verem confrontados elementos cristãos por tradições espirituais alheias características do ambiente brasileiro. *A ordem*, principalmente sob direção de Jackson de Figueiredo entre 1921 e 1928, mostrava tendência catolicizante, anti-romântica e anti-revolucionária, além de metafísica. *Festa* abria espaço para uma espiritualidade mais difusa, menos institucional, próxima da vanguarda estética, com espaço para o vazio. Ambas, entretanto, são vistas como um espaço para a contraposição ao positivismo então dominante nos meios cultos. A tematização da morte e da metamorfose são os exemplos disso que o artigo utiliza como ilustração.

Para finalizar, na seção de artigos de fluxo contínuo, esse número conta com o texto *Tarefas e limites da psicologia da religião: uma perspectiva dialogal*, o qual se debruça sobre as relações e desconfiâncias mútuas entre teologia e psicologia no contexto alemão, o que, certamente, lança luzes para que se pense a psicologia da religião também em nosso próprio meio acadêmico.

Com esse número, encerra-se o trabalho do Prof. Dr. Frederico Pieper à frente da *Numen*. A partir de 2014, o Prof. Dr. Jimmy Sudário Cabral assume a função de editor.

*Prof. Dr. Eduardo Gross* (responsável pelo número)

*Prof. Dr. Frederico Pieper* (Editor da revista)